

A Sagrada Escritura (CCC 101-119)

O Catecismo da Igreja Católica explicado pelos Servos e Servas do Coração Imaculado de Maria

1. Cristo - Palavra única da Sagrada Escritura (CIC 101-104)

Todos sabemos que a Sagrada Escritura é a Palavra de Deus escrita por inspiração do Espírito Santo (cf. CIC 81). É, portanto, um dom da bondade de Deus, que fez com que aquilo que Ele havia revelado para a salvação de todos os povos permanecesse sempre inteiro e assim fosse transmitido às gerações futuras (cf. DV 7); isso mostra a condescendência de Deus para com os homens, que alcançarão a plenitude na Encarnação do Verbo.

Como, porém, através da História da Salvação, a Palavra de Deus chegou até nós? Podemos falar de três estágios: a Palavra revelada, a Palavra inspirada, a Palavra interpretada.

A Palavra de Deus, de fato, não está acorrentada, mas viva, eficaz, é uma lâmpada sempre acesa para iluminar nossos passos e nosso caminho, para dar sabedoria aos simples (cf. Sl 119.105.130).

Para isso foi necessário e foi vontade de Deus que a **Palavra revelada**, ou seja, aquela comunicação gradual de Deus ao homem (através da História da Salvação) que vai culminar na Pessoa e missão do Verbo Encarnado, Jesus Cristo, não ser transmitida apenas com a vida (ações, cultura, tradições) e linguagem oral, mas tornou-se perene e, portanto, escrita; e isto, não só por iniciativa humana espontânea, mas precisamente como resposta a um mandamento divino: "Cuida e não te esqueças das coisas que os teus olhos viram, não fujas do teu coração durante todo o tempo da tua vida: também as ensinareis aos vossos filhos e aos filhos dos vossos filhos» (Dt 4,9).

A Palavra revelada, de fato, teve que ser comunicada geração após geração, até que ficou "cristalizada" naquele texto sagrado que hoje nós cristãos chamamos de Sagrada Escritura ou Bíblia.

A Sagrada Escritura, portanto, aparece antes de tudo como testemunho e transmissão da própria Revelação e não como evento de revelação, é expressão da Palavra de Deus através de palavras humanas, através das quais a riqueza infinita da Revelação e, portanto, da salvação.

Ao contrário do Alcorão que, como se acredita ter sido ditado diretamente por Alá a Maomé, é considerada como uma palavra incriada, eterna e imutável, a ser transmitida palavra por palavra, na Bíblia os autores fizeram uso de todas as tradições e formas literárias à sua disposição - como expressou Santo Agostinho - com uma intenção particular: "para que o homem compreenda quanto Deus o ama e, compreendendo-a, seja inflamado de amor para com Ele" (De catechizandis rubidus 1,8).

A Sagrada Escritura é, portanto, a comunicação amorosa de Deus e do seu mistério ao homem, para que ele possa alcançar a salvação. Com efeito, Deus ama-nos e, através da Sagrada Escritura, quer comunicar-nos coisas que são verdadeiramente importantes para a nossa vida: quem Ele é e quem somos nós, qual é a nossa origem e o nosso destino último, qual é a verdadeira história da humanidade, qual é a ação de Deus e qual é a causa e o propósito de nossa existência, todas as coisas que podemos aprender com seu testemunho, com o testemunho Daquele que, depois de ter falado várias vezes e de muitas maneiras, finalmente falou a nós por meio do Filho (ver Hb 1, 1-2).

Com efeito, toda a Escritura diz respeito a Jesus, fala-nos dele e nele encontra o seu cumprimento e a sua explicação. Podemos dizer que todo o Antigo Testamento aconteceu e também foi escrito em função de Jesus Cristo, em preparação para sua vinda; e o Novo Testamento como consequência de sua vinda e em preparação para sua vinda gloriosa definitiva (Parusia). Portanto, Jesus Cristo é o "centro" da Sagrada Escritura, presente de forma velada em todos os acontecimentos do Antigo Testamento (na Promessa feita por Deus no paraíso terrestre imediatamente após o pecado da Vitória da Mulher e sua Progênie sobre a serpente, no sacrifício de Isaac, em José vendido por seus irmãos, em Moisés, o libertador de seu povo, no cordeiro pascal, no maná dado por Deus como alimento, na serpente de bronze levantada por Moisés no

deserto, em Josué conquistador da Terra Prometida, no Rei Davi seu antepassado, nos vários Profetas, em Jonas, em Jó, em Tobias, etc.) e, no Novo Testamento, como o Verbo encarnado, que nos revela a natureza íntima de Deus e a Vontade do Pai, que é nossa filiação divina e nossa santificação.

A partir de Jesus, portanto, é possível ver as Escrituras antigas como uma coleção unitária, porque ele mesmo se apresenta como anunciado por esses escritos e como seu cumprimento. Jesus não falou diretamente do papel de Deus na composição da Sagrada Escritura, mas lançou as bases sobre as quais a Igreja virá a afirmá-la; Ressaltou também - no Evangelho segundo João - que é necessário escrutinar as Escrituras, porque elas dão testemunho dele (cf. Jo 5,39).

Isso nos faz entender que a Sagrada Escritura não pode ser lida como um simples livro de história, pois nos faz ver a intervenção direta de Deus nos acontecimentos; não é um livro de ciência, foi escrito de fato para nos ensinar como ir para o céu, não como vá o céu (ver Galileu Galilei, Cartas); nem mesmo um livro de filosofia; é testemunho de Cristo (cf. 1 Cor 15, 1-19), transmissão do que disse e realizou, mas sobretudo revelação de Cristo como a única Palavra do Pai.

Portanto, é necessário obedecer ao mandamento de Cristo "Examinar as Escrituras" (Jo 5,39) e "Buscai e achareis" (Mt 7,7), para não nos ouvir dizer: "Vós estais enganados, não sabendo as Escrituras nem o poder de Deus" (Mt 22,29). Se, de facto, Cristo é o poder de Deus e a sabedoria de Deus (cf. 1 Cor 1,24), «quem não conhece as Escrituras não conhece o poder de Deus nem a sua sabedoria. Ignorar as Escrituras - portanto - significa ignorar Cristo" (São Jerônimo, Prólogo ao comentário do profeta Isaías).

Por conseguinte, na medida em que nos familiarizamos com a Sagrada Escritura, poderemos adquiri-la com Cristo.

Este é um compromisso que o Papa Francisco nos recordou na Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: aprofundando o estudo sério e perseverante da Bíblia, promovendo a sua leitura orante pessoal e comunitária, é de facto importante conhecer a Palavra de Deus, para que torna fecunda a catequese e todos os esforços para transmitir a fé. (ver EG 175).

A palavra de Deus, com efeito, não quer comunicar apenas conteúdos: é sempre também uma palavra eficaz que opera o que diz. É uma palavra poderosa, irresistível, criativa, transformadora, como nos lembra o profeta Isaías: "Como a chuva e a neve descem do céu e não voltam sem regar a terra, sem fertilizá-la e fazê-la brotar, para que dê semente ao semeador e pão para comer, assim é com a minha palavra que saiu da minha boca: ela não volta para mim vazia, sem ter feito o que eu quero e feito bem o que eu mandei" (É 55, 10-11).

2. Inspiração e verdade da Sagrada Escritura (CIC 105-108)

Dissemos que na Sagrada Escritura Deus se dá a nós em palavras. São palavras das quais Deus é o autor, ainda que através da linguagem humana é Palavra inspirada.

Na Sagrada Escritura, portanto, há Deus e há homem, há Deus que se encarna na humanidade, que se conta através de textos que descrevem a história de um povo, palavras lembradas e evocadas da memória de um povo, palavras que nós somos chamados a lembrar.

Em nenhum lugar da Bíblia encontramos a Palavra de Deus diretamente. Em toda parte nos é dado na forma humana e na linguagem humana; isto nos revela a vontade de Deus de estabelecer um diálogo com os homens, um diálogo com o qual ele procura revelar ao homem a Verdade, aquela verdade que Deus quer nos entregar para nossa salvação, e que os autores humanos, inspirados por seu Espírito Santo, afirmam.

Deus, portanto, é o autor das Escrituras - como afirma também São Paulo na Carta aos Tessalonicenses: " porque recebestes a palavra de Deus, que de nós ouvistes, e a acolhestes, não como palavra de homens, mas como aquilo que realmente é, como palavra de Deus, que age eficazmente em vós, os fiéis." (1Ts 2,13) —, mas Ele quis que por meio de homens por Ele escolhidos, também verdadeiros autores, e por meio de

suas faculdades e habilidades (cf. DV 11), a Palavra de Deus falasse a linguagem dos homens e comunicasse através de experiências que possam ser compreendidas por cada um de nós, em todos os lugares e em todos os tempos.

É o conceito de inspiração, pelo qual podemos dizer que a Sagrada Escritura não é apenas um testemunho escrito da pregação ou revelação apostólica a Israel, mas é a Palavra divina, pois, como nos lembra a Constituição Dogmática Dei Verbum, "Deus, o qual falou no passado, nunca deixa de falar com a esposa de seu Filho" (DV8), que é a Igreja, por meio do Espírito Santo. E é por isso que a palavra da Bíblia representa um momento privilegiado de revelação. "Se fosse apenas uma transcrição histórica dos oráculos proféticos, teria valor como livro de origens, como documento da fé das gerações antigas, sem necessariamente e sempre conter uma palavra normativa para as gerações futuras. Pelo contrário, a relação que ele tem com a Palavra por meio do Espírito faz desta palavra uma força viva e permanente de manifestação de Deus para todos os tempos".

É natural perguntar: em que consiste exatamente a inspiração? Como o Espírito Santo trabalha para que se possa dizer que os livros são inspirados? Como a influência divina se combina com a ação humana?

Para a mentalidade grega clássica, a pessoa "inspirada" era em certo sentido possuída pela divindade, que fazia o homem perder suas faculdades. Este certamente não é o conceito de inspiração cristã, que, portanto, não se limita a uma espécie de "ditado" de Deus; o autor humano é de fato um instrumento movido por Deus, mas um instrumento vivo dotado de razão, um instrumento livre. Por isso, tanto Deus quanto o homem podem ser considerados verdadeiros autores de livros bíblicos, verdadeiros autores que atuam em diferentes níveis. A Bíblia é de fato inteiramente o efeito de Deus e inteiramente o efeito do homem. Cada livro é imediatamente atribuído ao autor humano e propriamente ao Espírito Santo.

Na composição da Escritura os fatores divinos e humanos estão em uma relação de causa principal e instrumental e a causa instrumental contribui em maneira dinâmica e ativamente para o efeito produzido.

Em nossos esquemas, qualquer defeito pode ser devido tanto à causa principal quanto à instrumental. No caso da Sagrada Escritura, nenhum limite e nenhuma imperfeição podem ser atribuídos a Deus; quaisquer deficiências são de origem humana (caso contrário, Deus seria limitado e, portanto, não seria Deus).

Devemos acrescentar também que a ação específica do Espírito Santo sobre o texto sagrado, assim como a ação do próprio autor humano, são temporárias; a inspiração da Sagrada Escritura, por outro lado, é permanente, imutável, para todas as gerações futuras.

Isso significa que, para além do gênero literário e do talento do autor, para além das coordenadas históricas e culturais que condicionaram a formulação da mensagem de Deus, em um tempo e lugar específicos e dentro de uma tradição, os livros inspirados sempre ensinam a verdade, e propriamente aquela verdade que o homem precisa para se salvar; portanto, tais livros estão imunes a qualquer erro relacionado a essas verdades necessárias para nossa salvação.

Quando falamos de verdade, referimo-nos antes de tudo à verdade própria da palavra do Senhor, palavra que permanece para sempre (cf. Is 40, 8) e é viva e eficaz (cf. Hb 4,12). Devemos pensar antes de tudo em Jesus Cristo, que diz a Tomé de si mesmo que ele é o caminho, a verdade e a vida (cf. Jo 14, 6) e declara a Pilatos que veio para dar testemunho da verdade (cf. ... Jo 18:37). Não se trata, portanto, de uma verdade universal e abstrata, como poderia ser a verdade científica ou de uma doutrina política, filosófica ou teológica, mas da manifestação de um Deus pessoal, que pela humanidade de Cristo vem ao encontro do homem para levar o a comunhão com Ele. Portanto, enquanto fala de Cristo e enquanto Cristo fala por meio dela, a Sagrada Escritura contém, exprime e transmite a verdade.

A Igreja sempre defendeu resolutamente este conceito. No entanto, devemos ter o cuidado de não falar de uma "inerrância absoluta" da Bíblia, ou seja, sua imunidade a qualquer tipo de erro, como uma consequência

direta e necessária da inspiração (assumindo que mesmo o menor detalhe declarado nas Escrituras goze da autoridade de uma definição dogmática).

Os livros bíblicos não são uma exposição sistemática das verdades da fé; nem todas as páginas da Bíblia são assertivas. A verdade que a Bíblia pretende transmitir - como já dissemos - não deve ser entendida em termos abstratos e absolutos, mas é inseparável do propósito com que Deus a inspirou; a Bíblia, de fato, não é uma coleção de livros de história, nem de notícias, mas é inteiramente voltada para a salvação integral da pessoa (o enraizamento histórico dos livros contidos no texto sagrado não deve nos fazer esquecer esse propósito). Tudo está voltado para esse propósito, que está inscrito na própria natureza da Bíblia, composta como uma história de salvação na qual Deus fala e age para atender a todos os homens e salvá-los do mal e da morte.